

O RENASCER VIANENSE

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA VIANENSE DE LETRAS

ANO XI Nº 41 VIANA-MA, NOVEMBRO DE 2013



VIANA
256 ANOS DE MEMÓRIA

Editorial

PEDAÇOS DE MEMÓRIA

A recente intervenção do corpo de bombeiros no sobrado de azulejos amarelos de propriedade da família Gaspar, reacende a questão sobre a responsabilidade pelos antigos imóveis coloniais da cidade.

Sem a intervenção do Estado e sem qualquer preocupação por parte das administrações municipais anteriores, ao longo das últimas três décadas, Viana perdeu a maioria de seus casarões históricos e com eles ruíram pedaços importantes da memória desta centenária cidade.

Foi assim com o casarão que abrigou a residência e o comércio do Sr. Levi Coelho; com o sobradão que abrigou a Escola do Antônio Rayol, na Rua Cônego Hemetério, e com o antigo Galpão da família Mendonça, na Celso Magalhães. Sem falar no assombroso caso da demolição do sobrado do Ozimo de Carvalho (a mando do então prefeito Walber Duailibe) e do casarão do Heitor Piedade, na Coronel Campelo, completamente desfigurado para sediar o Banco do Brasil.

Enquanto alguns continuam a desmornar lentamente - como é o caso do sobrado da família Matos (conhecido na cidade como morada da Filhinha) - outros iniciam o mesmo processo, a exemplo do sobrado da família Gomes, na Praça da Matriz, e da casa que pertenceu ao ex-prefeito Ezequiel Gomes, na Praça Duque de Caxias.

A pergunta que sempre surge quando o assunto vem à tona é: por que em tantas outras cidades históricas brasileiras, a exemplo de Parati (RJ), São Cristóvão (SE), Mariana e Ouro Preto (MG) - apenas para citar algumas - existe a cultura de preservação disseminada entre a própria coletividade local? Por que no interior do Maranhão não acontece o mesmo? Será que somos realmente mais ignorantes e irresponsáveis?

A justificativa vianense, em quase 100% dos casos, é sempre a mesma: muitos herdeiros e como ninguém tem interesse ou condições de arcar sozinho com os custos da preservação do imóvel, deixa-se que o tempo se encarregue de destruir um bem de tanto significado histórico.

E assim, apaga-se a memória dos homens que construíram esta cidade, nos últimos dois séculos e meio, não importando se foram políticos, comerciantes, fazendeiros, professores ou músicos. Todos trabalharam e suaram muito para deixar esse legado arquitetônico às gerações vindouras. Legado este que, lamentavelmente, ainda não aprendemos a valorizar.

PRÉDIO SEDE DA AGERP

RIBAMAR ALVES



Por situar-se no famoso Canto do Galo, este casarão foi um ponto privilegiado do comércio local no passado, tendo abrigado várias casas que vendiam tecidos e armarinhos em geral.

Até o ano de 1953, o imóvel pertencia a Raimundo Furtado de Castro, quando foi adquirido pelo comerciante Ataíde José Mendes, oriundo do povoado do Maracaçumé, que aqui também montou uma loja de tecidos. Casado com Filomena Muniz Mendes, Ataíde Mendes tornou-se pai de 12 filhos, dez dos quais nascidos em Viana (veja a matéria sobre a família Mendes na página 6).

Segundo D. Filomena, atualmente com 87 anos, enquanto o marido cuidava da loja de tecidos, ela trabalhava como representante do então bem-sucedido empresário Bento Mendes, comprando sacas de

amêndoas de babaçu dos diversos povoados do município e despachando o produto para São Luís, através das lanchas que faziam a ligação com a capital.

Em 1963, o casal mudou-se para São Luís, permanecendo em Viana, à frente da loja, os filhos Dulce (por essa época já casada com Bitá) e Newton, o primogênito da família.

Atualmente o imóvel (que pertence a Maria Elygia Mendes, a caçula dos irmãos) encontra-se alugado para a Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (AGERP). Apesar de ter sofrido algumas pequenas descaracterizações em sua fachada ao longo das últimas décadas, o prédio ainda preserva suas características coloniais, tornando-se assim um dos raros e importantes testemunhos da antiga arquitetura da cidade.

HONRA AO MÉRITO VIANENSE

Neste ano de 2013, a Secretária de Estado Adjunta da Cultura, Marlilde Mendonça de Abreu, será a personalidade homenageada com a placa "Honra ao Mérito Vianense", durante reunião solene da AVL a ser realizada no próximo dia 23 de novembro, às 20 hs, na Catedral de Nossa Senhora da Conceição.

Criada por esta agremiação cultural há dez anos, a placa "Honra ao Mérito Vianense" objetiva destacar aquelas pessoas que trabalham (ou trabalharam) em prol da comunidade local; ou ainda reverenciar o talento dos filhos da terra que honram, lá fora, o nome da cidade de Viana nas mais diversas áreas profissionais.

Devotada ao torrão natal, Marlilde Mendonça não tem poupado esforços para apoiar e incentivar a cultura vianense nos últimos quatro anos, tornando-se assim merecedora de tal distinção.



ARQUIVO

LANÇAMENTO DE LIVROS

Durante a reunião da AVL do próximo dia 23 de novembro, três novas produções literárias dos acadêmicos João Mendonça Cordeiro e Lourival Serejo serão apresentadas ao público vianense. Lançadas primeiramente em São Luís, em julho passado, as referidas obras ganham agora o seu lançamento oficial em Viana.

Os 10 anos da Academia Vianense de Letras e o O Impeachment do Governador Achilles Lisboa são as duas obras assinadas por João Mendonça Cordeiro. Enquanto Lourival Serejo lança seu primeiro livro de poesias, intitulado Pescador de Memórias.

Para marcar o recente aniversário dos dez anos da AVL, João Cordeiro apresenta, no primeiro trabalho, um pequeno histórico da Academia, reunindo artigos e crônicas sobre temas diversos publicados no Renascer Vianense e jornais da capital maranhense. O outro título, lançado pelo mesmo autor, é um ensaio sobre os bastidores da crise política que culminaram na destituição do médico Achilles Lisboa do cargo de governador do Maranhão, nos idos 1935/1936.

Já Lourival Serejo faz sua estreia na poesia, utilizando-se do universo lírico do lago de Viana como fonte de inspiração: os pescadores e suas redes, as canoas, o silêncio das águas, as chuvas do inverno e tudo o mais que o velho lago fez transbordar na sensibilidade do novo poeta.



Sobrado amarelo sofre intervenção

Resultado do Termo de Cooperação Técnica celebrado entre a Secretaria de Estado da Cultura e a Prefeitura Municipal de Viana, o Corpo de Bombeiros do Maranhão efetuou os trabalhos de limpeza das ruínas do sobrado amarelo que sediou a antiga Fábrica Santa Maria, em Viana.

Tomado completamente pelo mato, inclusive por árvores adultas que se enraizaram nas velhas paredes de alvenaria, o sobrado exigiu perícia e muito esforço dos bombeiros no trabalho de limpeza que se estendeu por mais de uma semana.

Após o desmatamento, acompanhada da Secretária de Estado Adjunta da Cultura, Marlilde Mendonça de Abreu, a equipe da Superintendência do Patrimônio Cultural, vinculada à mesma Secretaria, apresentou o orçamento da obra de contenção das ruínas, ou seja, construção da cobertura do sobrado e escoramento de suas paredes. Segundo a superintendente, Andréa Vasconcelos, a obra está



Equipe técnica em visita às ruínas

orçada em torno de 250 mil reais.

Alvo de preocupação por parte do Comitê de Defesa do Patrimônio Histórico de Viana e principalmente da vizinhança do prédio que sempre temeu uma catástrofe, o sobrado azulejado também já motivou uma ação do Ministério Público, ora em trâmite na justiça,



A retirada de raízes gigantescas exigiu trabalho e perícia dos bombeiros

cobrando a responsabilidade do Estado pelo seu abandono.

Como o imóvel é propriedade de particulares, para que Estado e Município possam efetivamente recuperá-lo é necessário, antes, um processo de desapropriação. Conforme informações prestadas pela assessoria do prefeito Francisco Gomes, os contatos com os proprietários do imóvel, visando tal objetivo, já foram iniciados.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Praça Gonçalves Dias ...



...e os barcos do Portinho serviram de inspiração ao pintor

Exposição Formase Cores

A Secretaria do Estado da Cultura, em parceria com o Museu Histórico e Artístico do Maranhão, promovem a exposição "Formas e Cores" do artista plástico vianense, Raimundo Botelho, entre os dias 3 a 15 de dezembro próximo.

Com abertura prevista para o dia 3 de dezembro, às 19 horas, a exposição será realizada na Galeria Floriano Teixeira do Museu Histórico e Artístico (Rua do Sol, nº 302, centro). São 25 novas telas produzidas pelo pintor que retratam em sua maioria paisagens de São Luís, como os velhos casarões da cidade e o colorido dos barcos à vela ancorados no Portinho.

A Estrada do Rafael, povoado da zona rural de Viana, também serviu de inspiração para quatro pinturas deste novo vernissage do artista. "É uma maneira de homenagear meu lugarejo de origem", ressalta Botelho, enquanto trabalha no pequeno atelier improvisado no apartamento de sua irmã, em São Luís.



Tela da Estrada do Rafael recebendo últimos retoques do artista plástico

A exposição "Formas e Cores" ficará aberta ao público no horário das 9 às 17 horas, de terças a domingos. Vale conferir de perto o talento artístico deste nosso conterrâneo.

Acadêmica recebe homenagem

No tradicional desfile estudantil do último 7 de setembro, a acadêmica e professora Vitória Santos foi homenageada pelos alunos da Unidade de Ensino Estevam Carvalho, estabelecimento educacional mais antigo de Viana.

Graduada pela antiga Escola Normal N. S. da Conceição, em 1970, embora já atuasse no magistério antes da formatura, Vitória Santos foi nomeada pelo Estado para lecionar no Estevam Carvalho em 1987, assumindo a direção da referida escola três anos depois.

Sem contar sua passagem por outros estabelecimentos e atuação constante no magistério vianense nas últimas quatro décadas, são 26 anos de bons serviços prestados somente no Estevam Carvalho. Por esse motivo e antes que a aposentaria chegue, professores, funcionários e estudantes daquela unidade de ensino uniram-se para agradecer, homenagear e celebrar a carreira vitoriosa desta professora que já escreveu seu nome na recente história da educação vianense.



Flagrantes do desfile e a emoção da homenageada ao receber o abraço da própria neta



FOTOS: SALMO ANDERSON CUTRIM



TAMBOR DE MINA

Uma das mais antigas manifestações folclóricas do Maranhão ainda resiste em Viana

Luiz Alexandre Raposo

No próximo dia 2 de dezembro, mais uma vez o tambor de Mina irá rufar para celebrar o dia de Santa Bárbara em Viana. A festa dura dois dias, encerrando-se com uma procissão que percorre as principais ruas da cidade, no dia 4, acompanhada de orquestra, tambores, caixas e com todos os componentes do culto trajados a caráter. O centro promotor local do culto afro-brasileiro é a Tenda de Santo Antonio, sediada à Av. Jorge Abraão Dualibe, nº 297 (Barra do Sol) e dirigida pelo conhecido Zé Antonio Carvalho, um lavrador matinhense de nascimento que reside há muitos anos em Viana. Dentro do sincretismo religioso, além de Santa Bárbara, a Tenda também promove tambores e caixas para outros santos, como São Benedito, Santo Expedito e o próprio Divino Espírito Santo. Em julho, nos dias 20 e 21, acontece a festa de Santo Expedito, com tambor de mina e caixa para o Divino Espírito Santo. Mas os tambores de Mina podem ser realizados a qualquer momento, desde que seja necessário (quando as entidades estiverem tratando algum paciente, por exemplo).

Atualmente composta por 44 participantes, a Tenda mantém-se com doações de seus adeptos e filhos de Santo. São 9 homens e 35 mulheres, na maioria domésticas e lavradores (alguns aposentados), mas há também professores. Para a realização das festas não recebem nenhuma ajuda financeira vinda de fora. E como os gastos com as indumentárias próprias de cada festejo também são custeadas por eles, cada um se traça de acordo com suas possibilidades. Há uma hierarquia entre as entidades cultuadas na Tenda. O chefe ou guia de “Croa”, encarnado por Zé Antonio Carvalho, chama-se Rei João. Existe ainda a contraguia chamada Ana Flor. Os “filhos ou filhas de Santo” também possuem seus respectivos guias, entre os quais se destacam Rei Sebastião, Rei do Mar, Cabocla Mariana, Cabocla Jurema, João da Luz, Luizinho e outros mais. Os principais tambores e instrumentos utilizados nos cultos são o tambor de Guia, o tambor de Luz e o tambor da Mata. Um triângulo de ferro e uma cabaça recoberta de contas completam o acompanhamento rítmico para os cânticos das entidades presentes em cada culto.



Parte dos componentes da Tenda Santo Antonio



Tambores, um triângulo e uma cabaça ditam o ritmo do tambor de mina

Uma das mais fortes expressões dos cultos afro-brasileiros, em Viana, é o tambor de mina. Mina identifica várias etnias de escravos trazidos para o Brasil, embarcados na costa africana, a leste do Castelo de São Jorge da Mina (atual República do Gana) e que eram oriundos da vizinha região hoje pertencentes às Repúblicas do Togo, Benin e Nigéria. No século 19, com a importação de grande número de escravos para o município, durante o período áureo da lavoura do algodão, diversas religiões de origem africana ficaram fortemente suas raízes na cultura vianense. Em outras cidades como Alcântara, Codó e São Luís, ocorreria o mesmo fenômeno. Com o passar do tempo, a partir do Maranhão, o tambor de mina alcançaria os vizinhos Estados do Amazonas, Pará e Piauí. No tambor de mina são cultuados voduns e orixás (entidades africanas), gentis (com nomes de nobres portugueses) e caboclos (entidades surgidas nos terreiros brasileiros). O rito consiste em uma sequência de cânticos e danças, ofertadas às entidades espirituais homenageadas em cada festa. Durante a dança, ocorre o transe, momento em que a entidade passa a se manifestar. De forma discreta, o transe do tambor de mina torna-se perceptível, às vezes, apenas pela indumentária ou quando a entidade dá várias voltas ao redor de si mesmo, em sentido contrário ao ponteiro dos relógios. No tambor de mina, 90% dos participantes são do sexo feminino. Os homens normalmente desempenham a função de tocadores dos tambores, participando da roda de dançantes apenas quando são donos do terreiro ou portadores de conceituadas entidades espirituais.

O TRABALHO DAS AFI EM VIANA

No início dos anos 60, Viana tornou-se a primeira cidade do Brasil e da América Latina a receber uma equipe das Auxiliares Femininas Internacionais

Conhecidas mundialmente pela sigla AFI, as Auxiliares Femininas Internacionais eram uma organização católica, com sede em Bruxelas (Bélgica), que possuía membros de 25 nacionalidades diferentes. O trabalho social dessas auxiliares femininas estendia-se por países da Ásia, África e Oriente Médio, apoiando as populações mais carentes principalmente nas áreas de educação e saúde.

Em 1960, o então bispo auxiliar de São Luís, Dom Antonio Fragoso tomou conhecimento do trabalho dessas mulheres, durante uma visita à cidade de Chicago, nos Estados Unidos. Ao retornar ao Maranhão, recomendou ao bispo de São Luís que oficializasse um pedido de uma equipe médica da AFI para Viana, a fim de que a população vianense (então carente de assistência médica permanente) pudesse ser beneficiada por um projeto na área da saúde pública. Paralelamente, a equipe também atuaria no processo de formação educacional da comunidade, prestando especial apoio aos jovens e camponeses.

Foi desse modo que, em 1962, a primeira equipe AFI designada para trabalhar em um país da América Latina desembarcou em Viana, disposta a auxiliar a população de uma das paróquias maranhenses com maior número de católicos e por isso mesmo escolhida como sede da nova diocese que, em breve, seria instalada no Maranhão.

Equipe de Viana – Liderada pela médica italiana, Teresa Boria, formada pela Faculdade de Medicina de Montreal (Canadá) e que trazia no currículo uma experiência de trabalho na Índia, a equipe de Viana tinha ainda a participação da enfermeira argentina,



A missionária Denise Caron, em 1963, ao lado de uma estudante vianense



Da esquerda para a direita: Denise Caron, Teresa Boria, Piera Brigatti (italiana que visitou a equipe em Viana), Gertrudes Pax, Maria Schugardt e a enfermeira belga, Godelieve Baeck



1961 – Rodeado pelos estudantes da 1ª turma do Antônio Lopes, Dom Fragoso anuncia a vinda das AFIs para Viana. De costas, a professora Edith Nair e o garoto Olegário Mariano (de camisa branca), futuro engenheiro agrônomo, assassinado em 1990

Gaudalupe Baeck, formada na Bélgica, e da assistente social alemã, Maria Schugardt, que possuía também formação em Ciências Religiosas. Alguns meses depois, para se integrar ao grupo, chegaria a socióloga americana, Gertrudes Pax.

Para facilitar o problema da comunicação, as auxiliares femininas foram submetidas a um breve curso de português, em Petrópolis (RJ), antes de se fixarem em Viana.

Naquele início da década de 1960, embora já contasse com o hospital mantido pelo Estado e com um corpo de funcionários formado

pelas enfermeiras Santinha Neves e Enedina Raposo, além de práticos como Chico Travassos, Bonifácio e Salú Serra (entre outros), a população vianense se ressentia da falta permanente de um médico na cidade.

Era desafiadora, portanto, a missão abraçada pelas primeiras auxiliares femininas internacionais em solo vianense. Além da abnegação cristã e disposição em ajudar o próximo, o trabalho exigia percepção da realidade local e definição de metodologias, a fim de que o objetivo final da missão fosse alcançado.



Denise em viagens embarcadas e excursões pelos campos com jovens da JEC



Altina Cidreira, Denise, Graça Sousa e Joana em momento de descontração

Minha experiência como AFI

Ao saber que a equipe de Viana precisava de alguém para se responsabilizar pela organização da casa, abracei logo aquela oportunidade, pois sempre sonhara em trabalhar na América Latina. Aos 26 anos de idade e cheia de entusiasmo, via assim se concretizar um de meus projetos de vida.

Dessa forma, em setembro de 1962, como única mulher passageira de um navio cargueiro que saiu do porto de Montreal, desembarquei em Belém do Pará, após três semanas de viagem. Na bagagem trazia 57 caixas de medicamentos como doações para a equipe de Viana.

Em Belém fui recebida por uma missionária americana que me ajudou com os trâmites aduaneiros e providenciou minha passagem num avião de cargas para São Luís, onde fiquei hospedada por alguns dias numa residência de estudantes.

Como ainda não havia estrada para a Baixada Maranhense, precisei viajar em um pequeno avião monomotor que transportava, diariamente, três passageiros de cada vez. Foi dessa maneira que cheguei a Viana, no dia 26 de outubro daquele ano.

Nos primeiros dias na cidade pude conhecer minhas novas colegas Teresa, Guadalupe e Maria. Gertrudes eu já conhecia, pois havíamos sido colegas em Chicago e Bruxelas, onde completamos nossa formação com as AFI. Lembro da primeiro dia que saímos juntas para assistir à missa e depois tomar o café da manhã na casa do padre Eider Silva, ao lado de sua mãe, Dona Cotinha. Foi quando comi pela primeira um mamão papaia, fruta que nunca havia experimentado antes.

A missão das AFI – Desde o princípio, o objetivo das AFI em Viana era realizar um trabalho diversificado de organização e formação junto aos camponeses, mulheres, jovens e adultos da paróquia. Responder às necessidades da população era importante e nossa equipe refletia sobre como oferecer às pessoas, também, a possibilidade de participação em encontros de informação e formação que pudessem melhorar sua qualidade de vida. Não faltavam projetos. Teresa e Guadalupe organizaram um serviço médico, atendendo os pacientes no consultório montado, enquanto Maria trabalhava com padre Eider na paróquia da Matriz, organizando e pondo em prática os programas de formação religiosa.

Naquele momento, como preparação para a diocese que iria ser instalada, foi muito importante a formação de catequistas adultos e jovens não apenas de Viana, mas inclusive das paróquias dos municípios vizinhos. Maria empenhava-se também nas celebrações litúrgicas do domingo e preparação para a Páscoa e o Natal. Gertrudes, por seu lado, dedicava-se ao trabalho do MEB (Movimento de Educação de Base), viajando constantemente aos povoados para palestras de formação, conscientizando os camponeses de seus direitos.

Professora do Antonio Lopes – Em fevereiro de 1963, o recém-fundado Ginásio Professor Antonio Lopes estruturava-se para atender à primeira turma da 3ª série, pois a escola ainda não abrangera as quatro séries do curso. Foi quando o diretor, Dr. José Pereira Gomes, me convidou



Na atualidade, a ex-missionária Denise Caron com o marido chileno, Hector, em Montreal

para dar aulas de Francês e Inglês, tarefa que assumi com o maior prazer.

As aulas nas três turmas do ginásio me proporcionaram um contato privilegiado com os jovens da cidade, na faixa etária de 13 a 20 anos. Foi um experiência valiosa que nunca esqueci. Como atividade extra-classe, tive a preocupação em oferecer aos jovens reuniões e encontros de formação, fazendo uso da metodologia da Juventude Estudantil Católica (JEC), uma organização que existia em todo o Brasil e em vários outros países.

A formação pela JEC – Durante esses encontros utilizávamos o método « ver, julgar e agir », a fim de que os próprios jovens descobrissem como melhorar sua vida presente e como preparar-se para o futuro. A realidade familiar, as relações com os colegas na escola, os problemas enfrentados e até seus sonhos e aspirações pessoais eram colocados em debate, permitindo que os demais se identificassem e juntos apontassem as soluções que pudessem melhorar o ambiente em que viviam.

Vez por outra também organizávamos conferências sobre a realidade econômica, política e religiosa do Brasil e da América Latina. Estas reuniões ou encontros ocorriam em nossa casa, na Praça de São Benedito, durando, às vezes, todo o final de semana.

Também realizávamos piqueniques ou passeios pelos campos, estimulando atividades de grupo e aumentando o entrosamento entre os jovens. Lembro de um passeio de barco que fizemos ao Mocoroca com o professor Dutra. A ideia era conhecer mais de perto a natureza, a grande variedade de flores, pássaros e animais.

Em outra oportunidade visitamos a paróquia do padre Wilson Cordeiro, em Penalva, onde passamos vários dias. Visitávamos as casas, para conhecer a realidade das famílias locais. Recordo que voltamos, numa noite de lua cheia, em dois barcos de pescadores. Viemos cantando durante toda a travessia do lago e ao chegarmos encontramos alguns pais que esperavam a chegada dos filhos. Foi uma experiência linda.

Depois de tanto tempo, posso afirmar que aqueles anos em que vivi e trabalhei em Viana foram alguns dos mais felizes da minha vida. Foi uma experiência enriquecedora que até hoje me proporciona muitas recordações bonitas.

Denise Caron
Montreal (CA), outubro de 2013.

Tributo às AFIs

A década de 1960 foi para o Brasil uma década de acontecimentos que marcaram profundamente sua história, merecendo destaque a ampla mobilização dos operários, camponeses, estudantes e intelectuais por mudanças estruturais que se faziam (e se fazem ainda) necessárias à construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Todo esse processo, no entanto, foi interceptado pelos acontecimentos de março de 1964 que suprimiram as liberdades democráticas por um longo período.

No início da referida década e naquele contexto, a cidade de Viana, como toda a Baixada Maranhense, apesar dos seus problemas sociais, continuava no seu isolamento rotineiro *sem saber fazer a hora e esperando acontecer*, tendo na religião católica uma das fontes principais de orientação comportamental, voltada primordialmente para a salvação espiritual, bastando no âmbito material a caridade para com o próximo.

Receber os sacramentos, frequentar o catecismo, participar dos retiros anuais, assistir à missa dominical, acompanhar as procissões e rezar o terço eram as práticas que sedimentavam o catolicismo da quase totalidade da população vianense. Entretanto, a Igreja Católica já iniciara, com o Papa João XXIII, um processo de renovação e influenciava consideravelmente a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, à época comandada por sua ala progressista, já preocupada com o avanço do Partido Comunista nos mais diversos setores e regiões do país.

A Igreja Popular, expressa nos movimentos de Ação Católica, engajou-se na realidade social, buscando transformações que proporcionassem melhorias de vida às populações menos privilegiadas, principalmente dos países católicos do então denominado 3º mundo. Organizam-se assim a JAC (Juventude Agrária Católica), JEC (Juventude Estudantil Católica), JOC (Juventude Operário Católica), JUC (Juventude Universitária Católica e a ACO (Ação Católica Operária). Desenvolvem-se as experiências de Cooperativismo, de criação de sindicatos, criam-se o Movimento de Educação de Base – MEB, as Rádios Educadoras etc. Com

toda essa ampliação de sua atuação e numa diversidade de áreas, a Igreja Católica reorientava o papel do laicato e promovia uma grande arregimentação de leigos.

Nessa conjuntura inserem-se as Auxiliares Femininas Internacionais – AFIS que chegaram a Viana, cidade já definida pela sua posição estratégica, como futura sede de um arcebispado. Essas missionárias tinham uma missão a ser cumprida no município, principalmente com a sua juventude na zona urbana e com os camponeses na zona rural. Tal missão também contribuiu para a consolidação das mudanças na visão de mundo e atuação de quase todo o clero da Baixada Maranhense, em consonância com as mudanças promovidas pela ala progressista da Igreja Católica.

Com grande incentivo de minha mãe e sob a influência das AFIS tive, assim como muitos jovens de minha geração, o privilégio de participar da JEC e do MEB, experiências que foram fundamentais na construção de minha visão de mundo e do meu engajamento nas lutas pela construção de uma sociedade democrática no Brasil.

Ao meu ambiente familiar, escolar e comunitário vianenses devo o alicerce da saudável educação que hoje possuo, educação esta da qual as AFIS foram fundamentais no seu coroamento. Isto porque contribuíram para o meu entendimento de que a história da humanidade é construída pelos homens, podendo, portanto, ser modificada, bastando para isso uma vontade coletiva de mudar o seu destino e que o amor ao próximo, preconizado por Cristo, exige, dos cristãos, lutas por melhorias nas condições de vida de grande parte da população local e mundial.

Devo, portanto, a todo esse contexto o início do meu processo de “conscientização”, o qual se consolidou como referência maior de minha religiosidade e do meu exercício de cidadã.

À Denise Caron, Gertrudes, Maria, Guadalupe e Clara, jovens desprendidas e destemidas que, como aves de arribação aterrissaram em Viana com uma imensurável missão, a minha, a nossa eterna gratidão.

Conceição Raposo
São Luís, 20 de outubro de 2013.



Denise Caron, durante sua última visita ao Brasil, em 2002, com a acadêmica Conceição Raposo

FAMÍLIA RAMOS

Lourival Serejo

Muitas famílias vianenses desapareceram sem deixar registros. Morreram as pessoas, as casas caíram, nenhum parente restou para perpetuar o nome da família. Algumas, entre ricas e humildes, tiveram relevante atuação na sociedade; depois se acabaram, por morte dos seus membros, ou mudaram de domicílio, como foi o caso da família de Américo Fernandes (quem se lembra?). Mesmo ausentes, ficaram na memória de seus contemporâneos. Daí a importância de lembrar a passagem delas pela cidade de Viana. Daí o valor que vejo em falar desses grupos familiares que estiveram presentes e que, de certa forma, influenciaram nossas circunstâncias, na moldura do nosso espírito, do nosso sentimento de pertencer a uma comunidade com costumes e tradições peculiares.

Com essa breve introdução, pretendo explicar a série de crônicas que inicio, neste jornal, sobre as famílias vianenses, sem preocupação em fazer história, até porque não sou historiador.

Começarei falando da família Ramos.

Ainda me lembro do senhor Moisés Ramos andando devagar, pelas ruas de Viana ou assistindo às missas na igreja de São Benedito, com uma fita vermelha da Irmandade do Santíssimo Sacramento no pescoço. Estava sempre bem vestido, bem arrumado, com um porte solene

de um chefe de família, no sentido mais tradicional do termo.

Por várias vezes frequentei sua casa, acompanhando minha irmã Lurdinha, em suas visitas à dona Maroca, de quem era muito amiga.

Sobre o senhor Moisés Vieira Ramos, tomei conhecimento de que era alfaiate, depois tornou-se comerciante e morou em Viana até a data do seu falecimento, ocorrido em 6 de maio de 1969.

A família Ramos era extensa, como quase todas as famílias vianenses daquela época. Moisés Ramos era casado com a senhora Maria da Conceição Fernandes Ramos, conhecida como dona Maroca. Dessa união nasceram dez filhos, nesta ordem de antiguidade: Djanira, Djalma, Doracy, Denê, José de Ribamar, Daniel, Denise, Dorival, Maria da Natividade e Antônio Amâncio. Sete dos dez irmãos já faleceram, restando apenas Doracy, Denise e Maria da Natividade, todas residentes em São Luís, há muitos anos.

A casa dos Ramos continua a mesma, bem conservada, de frente para a Igreja de São Benedito, como a prestar reverência permanente ao templo zelado pela família por muitos e muitos anos.

Moisés Ramos tinha, como católico atuante, acentuada ligação com a Igreja, tanto que pertencia à Irmandade do Santíssimo Sacramento.

Essa confraria religiosa, segundo relata Luiz Alexandre, em seu livro *Memórias de América Dias*, era “composta somente por varões e se-

diada na Igreja da Matriz. Essa irmandade era quem comandava os atos da Semana Santa, em especial as celebrações da Quinta-feira Santa, quando o Santíssimo ficava exposto em um altar lateral para adoração pública.”

Uma curiosidade relativa ao senhor Moisés Ramos era sua condição de irmão unilateral da nossa teatróloga Anica Ramos, figura lendária da vida cultural de Viana.

A religiosidade era a marca dos Ramos, devotos de São Benedito, em cuja festa o senhor Moisés participava ativamente, não só como católico, mas como ativo cooperador das atividades referentes à administração dos festejos.

Pertencia à família Ramos o popular Nonato, morto precocemente. Era filho de dona Djanira e do senhor Diógenes, sendo conhecido como Nonato de Diógenes. Como se alardeava um torcedor fanático do Corinthians, também era chamado de *Flávio*, em referência a um então famoso jogador daquele time. Ao som do seu clarinete e pela animação de suas histórias, espalhava alegria por onde passava, despertando muita simpatia entre seus amigos.

Como se vê, é importante para as gerações presente e futura o conhecimento da existência dessas famílias, a exemplo da família Ramos, que tanto representou para a sociedade vianense no tempo dos nossos pais, educando seus filhos pelo catecismo dos valores maiores das boas práticas familiares e religiosas.

OLGA MOHANA

★ 19/01/1933 † 06/11/2013



Faleceu no último dia 6, aos 80 anos, a vianense Olga Mohana, professora de canto e ex-diretora da Escola de Música Lilah Lisboa. Graduada em Canto pela Universidade da Bahia, Olga Mohana também era Assistente Social pela antiga Faculdade de Serviço Social do Maranhão.

Durante o governo de João Castelo (1978-1982), Olga Mohana foi diretora da Escola de Música do Estado do Maranhão (atual Lilah Lisboa). Sempre voltada para a qualidade do aprendizado, a professora Olga foi responsável por um dos períodos áureos daquela escola ao conseguir a contratação de profissionais da Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná para reforçar o quadro local de professores.

Nesse mesmo período, Olga Mohana gravou um LP, registrando para a posterioridade sua bela voz de contralto. Aposentada desde a década de 90, a professora vinha enfrentando problemas de saúde nos últimos anos.

CEMITÉRIO DOIS DE NOVEMBRO

João Mendonça Cordeiro

Em novembro de 2002, o editorial intitulado “Memorial da Destruição”, publicado no *Renascer Vianense* (edição nº 2) reclamava: ... *soterrou-se o antiquíssimo Cemitério 2 de Novembro para construção, no mesmo local, de um centro social.*

Realmente, o aterramento e consequente desaparecimento do cemitério existente no início da Rua 2 de Novembro, do lado esquerdo da Rua 1º de Janeiro, próximo à beirada dos campos, foi certamente um dos maiores e piores crimes contra o combalido patrimônio histórico vianense.

Com tantos terrenos disponíveis não só no centro urbano, mas especialmente na área suburbana próxima, não haveria a mínima necessidade de se destruir o cemitério para nele construir um Centro Social de Catequese, depois transformado em Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Viana.

Segundo José Soeiro, em seu livro *Terra Querida*, o responsável pelo desaparecimento do cemitério foi o primeiro bispo de nossa diocese, conforme declara à página 44: *Dom Hamleto fez muitas construções na cidade de Viana, como, por exemplo, recebeu e demoliu o Cemitério Velho, “Dois de Novembro” e no local construiu o 1º Centro de Catequese que hoje pertence ao Sindicato dos Lavradores.*

Um cemitério tão antigo, como o 2 de Novembro, com seus mausoléus e sepulturas, constituía-se num monumento histórico importantíssimo pelas informações preciosas e indelévelis, ali resguardadas, sobre pessoas e famílias de todas as classes sociais que um dia viveram em Viana.

O jornal *O Vianense*, edição de 10 de julho de 1880, publica em anúncios, o convite da Sociedade Dois de Novembro para a bênção do novo cemitério, no dia 18 desse mês, às 4:30 horas da tarde.

Já outro jornal também de Viana, *A Reforma*, edição de 29 de julho de 1880, traz uma convocação de reunião dos sócios, pelo presidente da Sociedade Dois de Novembro, Marcelino José Trancoso, para prestação de contas da obra do novo cemitério.

Considerando-se que hoje existe o chamado turismo de cemitérios, estimulado pelo interesse das pessoas em conhecer túmulos de personalidades que fizeram história, a exemplo dos túmulos de Getúlio Vargas e de João Goulart, na cidade de São Borja (RS); ou os campos santos do Catumbi e São João Batista (RJ); Morumbi e Consolação (SP); as famosas catacumbas de Roma e o túmulo de Alan Kardec em Paris. Até São Luís já incluiu em alguns de seus roteiros turísticos a visita ao Cemitério do Gavião (São Pantaleão), onde se encontram os mausoléus de

renomados políticos e escritores maranhenses, como Aluísio Azevedo e João Mohana.

Muitas vezes acompanhei minha mãe em visitas aos túmulos de seus parentes, como de sua genitora, Mariazinha Mendonça, cujos enteados Celso e Renato, filhos de Luiz Antônio Cunha, estavam sepultados num mausoléu em forma de obelisco junto à entrada da capela.

Também com relação ao velho cemitério, nunca esqueci um fato especial acontecido no Dia de Finados. Não sei por que motivo o padre Manoel Arouche não permitiu a visita ao cemitério naquela data. Mas logo pela manhã, o Dr. Ozimo de Carvalho desceu pela rua lateral de nossa casa, acompanhado de um homem que levava uma ferramenta especial, e mandou quebrar os cadeados que travavam os grandes portões do Dois de Novembro.

Em conversas na quitanda de papai, ouvia sempre falar que os ferros das altas grades pontiagudas que compunham os portões do cemitério teriam vindo da Inglaterra. O certo é que esse material, apesar de muito antigo, permanecia incólume ao desgaste do tempo.

Hoje, resta-nos apenas lamentar a destruição de mais um monumento arquitetônico e histórico desta centenária Viana que perde, cada vez mais, pedaços importantes de sua memória.

MEIO AMBIENTE**LAGO DO AQUIRI****Um santuário ecológico que necessita urgentemente de proteção**

Luiz Alexandre Raposo

Quando o padre João Felipe Bettendorff visitou a antiga missão de N. S. do Maracu, classificou as belezas cênicas dos lagos vianenses como um verdadeiro “paraíso terreal”, conforme registrou em sua *Crônica dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. E provavelmente o que ainda hoje pode ser admirado, no lago do Aquiri, é apenas uma pequena mostra daquilo que extasiou o olhar do jesuíta ao deparar-se com estas paragens, três séculos atrás.

Certamente por situar-se mais afastado do centro urbano de Viana, o lago do Aquiri permaneceu quase intocável até bem pouco tempo. Todavia, com o crescimento da população vianense e a consequente expansão da cidade nas últimas décadas, este santuário ecológico de rara beleza e alto potencial turístico começou a sofrer o forte impacto da presença humana.

Degradação ambiental – Transformado, há poucos anos, em nova opção de passeio e lazer, principalmente na época



Campanhas de educação ambiental podem evitar maiores danos ao lago

das cheias (abril, maio e junho), o lago ganhou ultimamente a denominação de “água azul” pela limpidez e transparência de suas águas, que permitem a visualização do fundo de seu leito e das raízes da diversificada flora aquática ali abundante.

Até aqui, tudo bem. Nada mais normal que as pessoas usufruam o meio ambiente à sua volta, especialmente se esse espaço ofe-

rece tantos atrativos. O problema é que, frequentado por inúmeras embarcações motorizadas e inclusive por praticantes de *Jet-skis*, esse valioso patrimônio ambiental vianense começa a mostrar claros sinais de degradação.

Nos finais de semanas do período das cheias, dezenas de embarcações dirigem-se para o local, onde as pessoas passam todo o dia entre banhos, bebedei-

ras e comilanças (até churrascos são feitos nas embarcações), enquanto jovens exibidos executam manobras radicais de *jet-skis*, dizimando a flora e expulsando a avefauna daquele habitat.

Educação ambiental – Sem nenhum tipo de disciplinamento e cuidados mínimos com a fragilidade do meio ambiente, em pouco tempo o lago ficará poluído, perdendo assim a população vianense uma saudável opção de lazer em um recanto lacustre tão aprazível.

É urgente que seja iniciada uma campanha de educação ambiental, junto à coletividade, antes do próximo inverno de 2014. A recém-criada Secretaria de Meio Ambiente poderia arregimentar escolas, igrejas, sindicatos, vereadores e a mídia local em prol da preservação do lago do Aquiri, pois como diz a Constituição Brasileira em seu Capítulo VI, **Art. 225: Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.**



Aves nativas, como a japeaçoca e o socó, fazem seus ninhos na vegetação flutuante

Sem controle, a especulação imobiliária avança pelas margens do Aquiri

JOÃO BALBY

O músico e compositor

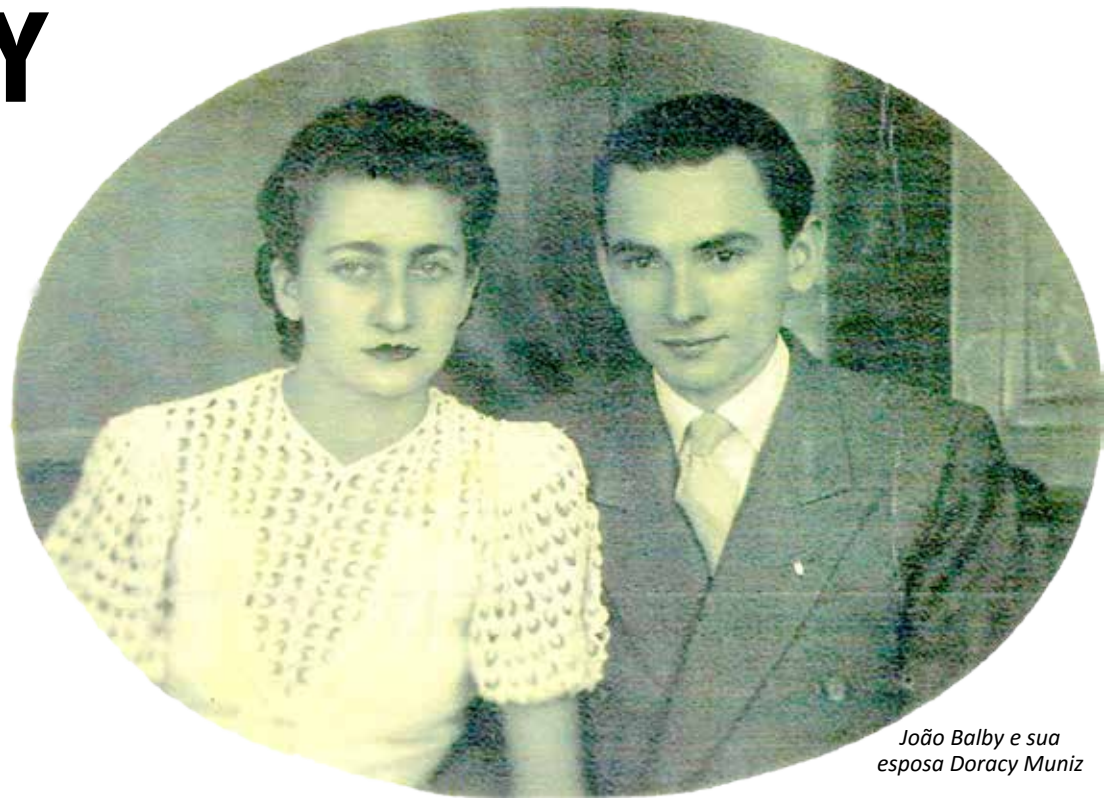
Raimundo Balby

João Pereira Balby nasceu no sítio Canindé, município de Viana, em 7 de Março de 1914. Era filho do vianense Fábio Augusto Balby e da cearense Teonília Pereira Balby. A partir de 1922, aos oito anos, passou a residir em Penalva na companhia dos seus pais que haviam deixado o Canindé. Nessa época passou pelas mãos das professoras Astérica (ABC), sua tia no Canindé – Bibi Balby, que era irmã do seu pai e Maria Rosa Marques (ícone do ensino primário em Penalva).

Voltou para Viana a fim de continuar os estudos, matriculando-se no Instituto Dom Francisco de Paula, fundado pelo Dr. Palmério Campos, promotor de Justiça da cidade. No final do ano letivo de 1930, com a transferência do fundador para outra comarca e o fechamento do instituto, o jovem se viu impedido de concluir o curso de Contabilidade.

Retorna, então, para a residência dos pais em Penalva e passa a estudar flauta e teoria musical com o maestro Antonio Gama Sobrinho; aulas de sax-soprano ele recebe do mestre Patrício Bandeira. Posteriormente passa a tocar esse instrumento em bandas locais. No início da década de 1930, ele cria a sua própria banda, a “Lira de Prata”, da qual fazia parte seu irmão José Ribamar Balby tocando flauta. São dessa fase as composições de sua autoria, cujas partituras foram resgatadas por João Mohana e citadas no livro “A Grande Música do Maranhão”: Grande Ladainha, Ladainha do Glorioso São José, Ladainha de Nossa Senhora, *Veni Sancte Spiritus*, Hino a São José, Santa Cecília (valsa) e Imagem de Criança (valsa).

Trajectoria artística – Em 1937, João Balby já está em São Luís com Odilon Dias e sua orquestra. Logo passa a fazer parte do cast, tocando sax-tenor, do Jazz Alcino Bílio (o mais famoso da época). Convidado pelo trompetista Joca Parma, passou



João Balby e sua esposa Doracy Muniz

a integrar um quarteto do navio da Companhia Costeira Itaimbé (como solista de saxofone-alto). Esse navio fazia a linha Belém-Porto Alegre. Numa dessas viagens, desceu no porto de Santos, onde fez amizade com músicos locais e passou a atuar como *free-lancer* em festas. Começa aí a sua fase de músico no Sul do País. A primeira orquestra como contratado foi a Maby Paiotele (1940), em Petrópolis, no Rio; seguiram-se: Orquestra Cassino Guarujá, Domingos Ricci Orquestra – durante cinco anos, tendo ao seu lado o irmão Ribamar Balby, também no sax-alto – Orquestra de Clóvis Mamede, em Santos, da qual fazia parte o famoso saxofonista norte-americano *Booker Pittman*. Foram muitos anos em São Paulo tocando saxofone alto em orquestras, ao lado de maestros e instrumentistas famosos da época: o argentino Luís Rollero, Raul de Barros, Elcio Alvarez, Erlon Chaves, Osmar Millani, Gilberto Galhardo.

Durante quinze anos trabalhou como músico da rádio e TV Tupi. Esteve na TV Paulista com a orquestra de Osmar Millani (em programas de Dercy Gonçalves) e com a mesma orquestra em programas de Silvio Santos.

Após a falência da TV Tupi, passou a acompanhar nomes famosos da MPB em gravações e shows : Francisco Alves, Orlando Silva, Carlos Galhardo, Altemar Dutra, Eduardo Araújo, Noite

Ilustrada, Agostinho dos Santos e a cultuada Maísa Matarazzo – em sua primeira gravação.

Dotado de uma técnica apurada e com um sopro sofisticado, João Balby, muitas vezes esteve na Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, quando de sua fundação – sob a regência do maestro *Isaac Karabtchevsky* – como solista convidado. Em uma reportagem da revista “O Cruzeiro”, na década de 1960, sobre os maiores instrumentistas do Brasil, ele é citado como o terceiro melhor sax-alto do país.

Em 1977, encerrou a sua carreira, aposentando-se pela Ordem dos Músicos de São Paulo.

A família – João Pereira Balby era casado com Doracy Muniz, filha do ex-prefeito de Penalva, Luiz Messias Muniz. Do casamento resultaram três filhos: Lurdes, Paulo (falecido aos 19 anos) e Pedro, com quem morava em Goiana, após ficar viúvo. E foi lá que ele faleceu aos 94 anos, em 7 de outubro de 2004. Mesmo com mais de 90 anos, permanecia ainda com uma extraordinária lucidez. Era um homem calmo e dotado de muita sabedoria.

Nota: Seu pai Fábio Augusto Balby foi prefeito de Penalva, em 1930 e o avô, João Batista Balby, intendente de Viana na segunda década do século XX. Seu bisavô, nascido em 1792, também chamado João Batista Balby, foi um dos líderes de uma revolução, em 1821, em Belém, para libertar o Pará do domínio português. Italiano de Ragusa, no Mar Adriático, ele fugiu para Viana, após o fracasso da revolução, onde teve um romance com uma jovem local. Começava assim o ramo da família Balby no Maranhão. Todos os Balbys do Maranhão são descendentes do revolucionário italiano e o seu nome está perpetuado em uma das ruas de Belém.

FOTOS: ARQUIVO DE FAMÍLIA



João Balby (3º da esquerda para a direita no sax-alto) na TV Tupi de São Paulo, com a Orquestra do Maestro Zezinho (à frente)



Tocando com Victor Sergio e sua Orquestra Melódica

ASSINATURA ANUAL DO RENASCER

Para se tornar assinante deste periódico, basta depositar o valor de R\$ 40,00 (quarenta reais) na conta corrente da AVL, no Banco do Brasil.

Nº da conta: 13.365 – 5
Nº da agência: 2972 – 6

Depois envie uma mensagem para luiz.raposo@uol.com.br comunicando a data do depósito, o nome e o endereço completos do depositante (sem esquecer o Cep).

Dessa maneira, seu exemplar será enviado, trimestralmente, via correio.

Aos já assinantes que desejem **renovar a assinatura**, o processo é o mesmo. Não esqueça, porém, de passar a mensagem comunicando a data do depósito.

No ato da renovação, não é necessário comunicar o endereço do depositante (a não ser que tenha havido alguma mudança).

O RENASCER VIANENSE



Diretor/Redator: Luiz Alexandre Raposo (Reg. 0000821-MA)

e-mail: luiz.raposo@uol.com.br
Endereço: Rua Antônio Lopes, 459,
Viana – MA CEP: 65.215-000